

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DORVALINO REFEJ CARDOSO

**APRENDENDO COM TODAS AS FORMAS DE VIDA DO PLANETA  
EDUCAÇÃO ORAL E EDUCAÇÃO ESCOLAR KANHGÁG**

Porto Alegre

1º semestre

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DORVALINO REFEJ CARDOSO

**APRENDENDO COM TODAS AS FORMAS DE VIDA DO PLANETA  
EDUCAÇÃO ORAL E EDUCAÇÃO ESCOLAR KANHGÁG**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Maria Aparecida Bergamaschi

Porto Alegre  
1º Semestre  
2014

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à família incentivo.

A professora Dr<sup>a</sup> Maria Aparecida Bergamaschi, minha orientadora de TCC e que sempre foi um referencial a mim, como aluno indígena, dentro da Universidade. Obrigada pelo incentivo e por me acolher nos momentos mais difíceis, que encontrei neste espaço, que por muitas vezes foi estranho para mim.

Ao professor Dr<sup>o</sup> Jaime, pelas longas reflexões que me proporcionou durante as suas aulas. Nas mesmas sempre encontrei espaço para dialogar e aprender, tendo minha cultura e pensamentos valorizados e respeitados.

A professora Dr<sup>a</sup> Aline, minha orientadora de estágio obrigatório do 7<sup>o</sup> semestre do curso. Pela sua disposição de acompanhar-me neste período, participando das minhas aulas na Aldeia Por Fi, apoiando meu projeto pedagógico diferenciado, que realizei neste espaço.

As minhas alunas de estágio da EJA, por se fazerem presentes nas aulas e pela troca de aprendizagens, que ocorreu durante este período, entre professor e alunas.

Aos colegas que me acompanharam durante esta jornada acadêmica. Pelo incentivo que recebi de algumas colegas em especial Ana Isabel, Fernanda e Carla. Obrigado pelos momentos de trocas, de diálogo e o compartilhamento de ideias, nos vários trabalhos que realizamos juntos durante este período.

GỈR KARĂN TỈ TỶ  
GỈR KAR TO HÁ NĨNH KE NỈ

## RESUMO EM KANHGÁG

Inh věnh rá tỹ, tỹ Kanhgág tỹ Coroado ag tỹ hēre, nén ũ hyg'hag ěg to ke nĩ. Ti si kēme, ěmĩn há krĩ jag fēn, kǎki Karǎn fǎ escola, gĩr mỹ Karǎn ti tỹ věnh vĩ rėg-re tỹ Karǎn Ge, fóg vĩ, kanhgág vĩ tỹ. Vĩ vǎnh, mré kutu, krĩ věnhmỹ mỹ Ge ke jé Ge. Eñ ti krĩ ki vig kỹ mỹ há hag mũ jé. Ěg vĩ tỹ Kanhgág ki ěn tág gĩr korǎn ke nỹtĩ, ěn tỹ gĩr Karǎn mũ ti. Ti si kar, ti si ag jykre, kujá ag karó ěn tỹ ěg tỹ gĩr karǎg ke nỹtĩ. Vǎsỹ fóg ag tỹ kǎki karǎg fǎ hyg'hag mũg kǎ, Kanhgág jamǎ mĩ. Ěn si, kujá ag jykre, věnh kagta, věnh kagta pũr, ěn rá, tánh, grog nég ũ e tỹ tũ ke kreg tóg. Hǎra ěn tỹ to kinhrǎn kỹ tỹ há ke si hag. Ěn vĩ rág ěn tóg tĩ, hǎra rág mẽ tỹ vǎmég tỹvĩ tỹ há nĩ gé. Ěn vĩ vǎfor tũ nĩ jé ěn tóg. Ěn tỹ kǎki Karǎn fǎ escola tỹ, vǎsỹ tỹ fóg tỹ Kanhgág kēntés fǎ jyyj nỹ tĩn nĩ. Hǎra gĩr Karǎn fǎ professor kar kanhgág tỹ pǎtĩ ag ne jyyjg mǎn mũ. Isỹ věnhkarǎn ja, kujá, tĩ si ag inh mỹ ge kenh fǎ tỹ, fóg ag mẽnh fǎ ki, inh vēmē vig ge vē. Nén sĩ ror vē, ǎ tỹ jyryr keg kỹ inh vāmē tỹ mẽ há kenh mũ.

## RESUMO

Este trabalho trata da organização social do povo indígena Coroados/RS (kanhgág), sua história, sua educação, a escola indígena, a proposta pedagógica diferenciada, os profissionais, o bilinguismo, a inclusão e a interculturalidade. Tem como objetivos discutir a educação oral indígena para um bom equilíbrio no ciclo de sua vida e a ligação desta com a educação escolar, para um registro das práticas de oralidade e a relação com a escrita na língua originária. O estudo é feito a partir da vivência na comunidade e da experiência como professor e liderança kanhgág, bem como da trajetória de estudante até à universidade. Também foram ouvidas pessoas mais velhas (Ti Si Ag) e os pajés (Kujá), valorizando seus conhecimentos e suas sabedorias. O estudo conclui que no início a escola prejudicou o povo kanhgág como, por exemplo, ao impor a língua nacional. Mas aos poucos o povo está se apropriando da política e começa a usar a escola para seu benefício: alfabetizando na língua materna, valorizando e praticando a oralidade bem como seu registro escrito, professores atuando com protagonismo, escolas sendo legalizadas e mudando seus nomes para outros com significado indígena. Complementa o trabalho escrito um CD, contendo o depoimento do autor, que relata sua trajetória de estudante e de professor, descreve a escola indígena diferenciada e aponta possibilidades para a educação indígena. Esta é uma forma de valorizar a oralidade na produção e transmissão de conhecimentos como expressão kanhgág.

**Palavras - chaves:** educação kanhgág, oralidade; educação escolar indígena; bilinguismo.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>07</b>
<b>A TRAJETÓRIA ESCOLAR E OS DESAFIOS DA ESCRITA KANHGÁG</b>	<b>08</b>
O TCC	09
Objetivos gerais	10
Objetivos específicos	10
<b>Metodologia</b>	<b>11</b>
Detalhamento da metodologia	13
<b>O POVO KANHGÁG, SUA HISTÓRIA, SUA CULTURA E A ESCOLA</b>	<b>15</b>
As Primeiras Escolas Indígenas	16
Um exemplo da Pedagogia indígena	18
<b>PRÁTICAS COLONIZADORAS DO ESTADO: O SPI</b>	<b>22</b>
<b>( SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO INDIO)</b>	
As diversidades de línguas indígenas e a língua Kanhgág	23
<b>PRÁTICAS ESCOLARES PROTAGONISTAS</b>	<b>24</b>
<b>(KANHGANGUIZANDO A ESCOLA)</b>	
Projeto pedagógico	24
Desenvolvimento das aulas	24
Bilinguismo	25
Avaliação	28
Algumas ponderações a respeito da Inclusão	28
<b>CONCLUSÕES: O QUE SE QUER SABER....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	
<b>ANEXOS</b>	

## APRESENTAÇÃO

O trabalho contém quatro capítulos: no primeiro o autor se apresenta, contando a trajetória que o trouxe até a Universidade. Também apresenta o TCC, seus objetivos e a metodologia. No segundo capítulo fala do seu povo, o povo Kanhgág, sua história, sua cultura, a escola: como eram as primeiras escolas e como é a pedagogia Kanhgág. No terceiro capítulo mostra a atuação do SPI, as práticas de colonização e de controle do povo kainhgág, a exploração do trabalho e os prejuízos que trouxe para o seu povo. No quarto e último capítulo mostro as possibilidades de educação escolar a partir do protagonismo Kanhgág: kanhganguizando a escola!

Além dessa parte escrita, o trabalho é composto por um depoimento oral, fazendo presente uma característica indígena importante, a oralidade. Através da fala que está aqui registrada, o autor mostra a educação Kanhgág, que além de respeitar todas as formas de vida do planeta, também com elas aprende.



## 1. A TRAJETÓRIA ESCOLAR E OS DESAFIOS DA ESCRITA KANHGÁG

Entrei na UFRGS em 2008, na primeira turma de estudantes indígenas e sou o primeiro Kanhgág a cursar Pedagogia. Por isso acho que é importante falar de minha escolarização, da trajetória que me trouxe até aqui.

O primeiro tempo de escolaridade foi aos 8 anos de idade, em 1972, em uma escola que ensinava português. Eu era falante Kanhgág e a professora era não indígena: não compreendia nada, apenas pedia licença para deitar na grama. Não frequentava direito as aulas por causa do panelão, uma forma de exploração do trabalho indígena instituído pelo Serviço de Proteção ao Índio – SPI. Com o passar do tempo, junto com a professora não indígena havia também uma monitora indígena, que fazia a mediação entre a língua Kanhgág e a língua portuguesa. Devido ao trabalho de monitoria fui aprendendo a falar o português. Isso era um momento de crueldade, pois a professora indígena dava algumas aulas em Kanhgág, com uma cartilha bem simples, na nossa língua, porém eu não entendia o que estava escrito e cheguei na 6ª série sem aprender nada da escrita em kanhgág. Apenas aprendi o português.

Tudo me foi muito difícil na vida escolar: eu era falante de Kanhgág, mas a alfabetização em português foi muito forte e foi também muito difícil aprender a falar, escrever e ler numa língua estranha. Essa dificuldade ainda continua na minha vida de estudante até os dias atuais.



Imagem 1

Dorvalino Refej com quase 13 anos. Já era uma liderança em sua comunidade.

Aprendi a ler e a escrever em minha língua materna quando cursei o Magistério específico para Kanhgág: CRES Bom Progresso. Foi um curso de Formação de Professores Indígenas Bilíngues, Supletivo, em nível do ensino de 2º Grau – Habilitação Magistério, entre os anos de 1993 a 1996. Foi promovido e coordenado pela UNIJUÍ, COMIM, CIMI, APBKG e ONISUL. As aulas eram nos meses de janeiro, fevereiro e julho.

A partir desses aprendizados comecei a dar aula, descobrindo muitos problemas na escrita da língua Kanhgág e entendo que, por isso, os alunos kanhgág em geral não se alfabetizam em um ano. A escrita kanhgág foi feita por uma linguista alemã, juntamente com algumas lideranças e professores.

É um alfabeto com 28 letras, sendo 14 vogais e 14 consoantes, com muitos acentos, letras emprestadas, sons difíceis. As crianças levam muito tempo para aprender os sons, por exemplo: g, n, nh, ã, y, ÿ, m fazendo o som de b; n fazendo o som de d. O m faz som de m com as vogais nasais; o n faz o som de n com as vogais nasais; o m permanece com o som emprestado b com as vogais que não são nasais; o n fica com o som de d com as vogais não nasais. Por exemplo: m, mÿ, mẽ, mã, mũ, nĩ, nÿ, nẽ, nã, nũ (o m e o n fazendo som de b); mi, my, me, mé, má, mo, mó (som de N); ni, ny, ne, né, ná, no, nó (som de d).

Contudo, venci as dificuldades e aprendi a escrever a minha língua e vivo passado a oralidade do meu povo para a escrita. Noto que a maioria dos alunos da escola indígena não gosta da aula de kanhgág e vejo também que não há incentivos, por falta de material didático. Um dos meus sonhos é resolver os problemas produzidos pela forma como foi escrita a língua Kanhgág. Para isso precisaria de uma grande reforma na estrutura da escrita, fazendo muitas mudanças.

Usando as leis que asseguram a nossa organização social, é necessário também mudar a proposta pedagógica de nossas escolas em nível estadual e nacional, a fim de propiciar uma boa introdução à alfabetização na língua Kanhgág.

## **O TCC**

Neste trabalho de conclusão do curso de Pedagogia pretendo relatar a história das primeiras escolas indígenas e contar um pouco da importância de ser alfabetizado no idioma materno, a partir da minha própria vivência de alfabetização,

também como professor. Busco na minha memória e de outras pessoas que conheço e convivo, como as primeiras escolas entram nas aldeias, como é feita a alfabetização nessas escolas indígenas, como era essa escola em tempos passados e como é hoje.

Os principais conceitos que serão por mim abordados serão: alfabetização, idioma materno, alfabetização bilíngue, escola indígena e diversidade. Quero também ressaltar a pedagogia bilíngue e a pedagogia indígena, mostrando o que são, para que servem e seus diferentes usos. Acredito que estes conceitos precisam e devem ser assimilados pelos profissionais da educação, para que possam melhorar o seu trabalho em sala de aula.

### **Objetivos gerais**

- Registrar memórias que ficaram somente na oralidade, colocando agora estes fatos na modalidade escrita;
- Apresentar o alfabeto Kanhgág, sua origem, seu significado;
- Ressaltar a importância de profissionais da educação familiarizados com o seu idioma, desenvolvendo uma alfabetização bilíngue dentro das aldeias;
- Lembrar como o idioma deve ser respeitado na construção de novos conhecimentos.

### **Objetivos específicos**

- Destacar a escola como um espaço de vivências, construindo um local de conhecimento comum e de compartilhamento de experiências;
- Apresentar uma parte da história da escola e do povo Kanhgág;
- Contribuir na construção dos referenciais pedagógicos diferenciados para a educação indígena, no local onde moro, a Aldeia Por Fi, onde existe uma escola indígena;
- Construir, com minha produção escrita, argumentos e referenciais teóricos, que apontem caminhos alternativos para que os profissionais da educação trabalhem dentro das diferenças, respeitando a individualidade de cada aluno.

## **Metodologia**

O trabalho aqui apresentado parte principalmente do registro das minhas próprias memórias, de como eram as primeiras escolas indígenas e como funcionavam, descrevendo a nossa pedagogia de transmissão dos conhecimentos. Também serão consideradas as memórias de pessoas com quem convivo, cujas lembranças da escola de tempos passados ajudarão na escrita do texto.

Um ponto importante a considerar é que na maioria das escolas indígenas, assim como é a escola em que trabalho como professor bilíngue, ler e escrever são atividades realizados no idioma próprio, considerando a intelectualidade de cada uma das pessoas envolvidas. A educação dos povos indígenas é milenar e muito antes das escolas, consideravam e ainda consideram a educação social, que é feita pelas lideranças, pessoas mais velhas e pajés. É antes de tudo, uma educação familiar e comunitária.

O objetivo maior da educação indígena é humanizar. Por isso, aqui nesse trabalho, além de apresentar a escola e sua história, pretendo descrever espaços de aprendizagem, como por exemplo, ao redor do fogo, espaço de ensino por excelência, onde quem faz a transmissão de conhecimentos é a pessoa mais velha da comunidade, geralmente à noite.

O critério para aprender é a vontade de conhecer, ou seja, de perguntar e ser respondido. Pode-se sempre perguntar para confirmar o que está sendo transmitido. O calor do fogo também tem uma simbologia implícita: o calor abre e memória, onde ficavam os ensinamentos, que depois podem também ser registrados de forma escrita.

Esta pedagogia milenar será o campo empírico deste trabalho, registrando suas marcas, o quanto foi importante para mim enquanto estudante universitário e participante da sociedade Kanhgág.

## **Detalhamento da metodologia**

Podemos compreender essa pesquisa como um estudo de caso, em que, principalmente, serão narradas minhas próprias vivências escolares e de educação na sociedade Kanhgág. Mesmo sendo “um caso similar a outros”, o considero “ao mesmo tempo distinto, pois tem seu interesse próprio, singular” (LUKE & ANDRÉ,

1986, pág.17). Pode ser considerada igualmente uma metodologia autobiográfica, pois a fonte das informações também consta na história da minha vida.

Como todo estudo de caso, serão utilizadas variadas fontes de informação e contará com relatos descritivos, focalizando a realidade vivida e vivenciada por mim enquanto pesquisador e participante das análises descritas.

Terá um cunho qualitativo, contando com conversas com pessoas mais velhas, valorizando seus depoimentos, além das observações de como está ocorrendo de fato a alfabetização dentro das aldeias kanhgág. Farei também uma análise documental, mostrando a construção do alfabeto Kanhgág a seus usos, lembrando que “[...] os documentos podem ser consultados várias vezes e inclusive servir de base a diferentes estudos, o que dá mais estabilidade aos resultados obtidos” (LUDKE & ANDRÉ, 1986, pág.39).

Nesse sentido, buscarei destacar o alfabeto Kanhgág e seus usos nos diferentes espaços, lembrando que o mesmo é composto por letras com significados e usos diferenciados, variando dentro do contexto.

Além do trabalho escrito aqui apresentado, segue como encarte um CD, contendo uma parte oral do trabalho de investigação, onde discorro sobre a educação indígena, a escola, a escrita kanhgág e seu ensino, as dificuldades de fazer uma escola verdadeiramente bilíngue, os desafios que enfrentamos. Penso que valorizar a oralidade e afirmar seu caráter científico é muito importante: para o povo kanhgág a palavra falada tem muito mais importância que a palavra escrita, porém a academia valoriza muito mais o texto impresso pelas letras. Faço aqui um meio termo e apresento as duas modalidades, deixando registrado em minhas palavras como os kanhgág aprendem com as todas as formas de vida do planeta.

## 2. O POVO KANHGÁG, SUA HISTÓRIA, SUA CULTURA E A ESCOLA

O povo kanhgág tem seu idioma próprio, a língua kanhgág e sua cultura peculiar, composta de rituais, de narrativas mitológicas e de tradições. Vivem em comunidade, falando no seu próprio idioma, desde o nascimento. Como outros povos indígenas, atualmente não vivem isolados, aprendem também o português, mas somente de forma oral, até a chegada à escola.



Imagem 2

Dorvalino Refej com crianças Yanomami (Outubro de 2012)

A oralidade é muito importante para os povos indígenas. Rodas de contação de histórias pelos antigos pajés e caciques costumam ser montadas diariamente. Nessas conversas, a tradição, os costumes, a cultura e o idioma são preservados. É nessa troca que as palavras são ensinadas, mas somente de forma oral, não escrita.

O português também acaba fazendo parte deste contexto, devido às conversas com as crianças maiores, que já estão na escola regular. Há uma troca de palavras, brincadeiras, leituras e contos em português, que acabam invadindo o território onde anteriormente só existia o idioma kanhgág.

Dentro desse contexto de bilinguismo, onde dois idiomas se cruzam, os alunos partem primeiro para a escola indígena da aldeia, onde são alfabetizados em kanhgág. Se não existe escola de Ensino fundamental completo, depois do quarto

ou quinto ano os alunos vão complementar os seus estudos na escola regular de ensino, próxima a aldeia onde o idioma é o português.

Na escola não indígena o português é a primeira e única língua. O kanhgág não é mais mencionado. Esses estudantes vivenciam uma dificuldade muito grande, pois não são usuários do português no cotidiano da comunidade onde vivem.

Muitas situações levam os alunos a desistir de seus estudos como comprovado na fala de uma criança kanhgág que acompanhei na escola não indígena por ocasião das observações realizadas no curso de Pedagogia: “Eu não sei o que é aeromóvel, nunca ouvi essa palavra. Podes me explicar o que isso significa?”

Os textos produzidos na escola também são todos em português e pela pouca experiência que os alunos têm com essa nova língua sentem muitas dificuldades. Em geral, o professor que não conhece a realidade indígena, não consegue entender o seu aluno para realmente lhe ajudar.

Ao conversar com uma professora dessa escola onde vão os alunos Kanhgág depois de cursarem a quarta série em nossa escola, ela mesma ressaltou as dificuldades encontradas pelos alunos indígenas. Qual seria a solução? Como esse bilinguismo que atravessa os muros da escola pode ser solucionado? Como melhorar o rendimento escolar dos mesmos? A temática de uma educação que vise atender a essa demanda específica fica clara nas palavras da professora: “Eu acredito que esses alunos indígenas devam ser introduzidos no português desde o 1º ano”. Porém, como fica a língua originária nesse contexto?

São situações conflituosas e difíceis de resolver e o estudo desses contextos estão só começando. Porém, considero importantes as palavras de Trindade (2009) ao ressaltar que:

O modo de vida dos alunos e suas experiências cotidianas de escrita na família em esferas como as de trabalho, de lazer ou religiosa, entre outros, podem ser considerados em um planejamento inicial na área da alfabetização [...] é necessário levar em conta a língua materna, envolvendo reflexão em torno da relação entre os sistemas alfabéticos, fonológico e ortográfico de constituição de palavras com idiomas diferentes. (p. 67).

Fazem-se necessários mais estudos nessa área, mas principalmente reforçar as escolas indígenas para que cumpram o papel de serem bilíngues e interculturais.

Na sequência do trabalho analiso um pouco essas escolas indígenas e o papel que desempenharam e que ainda desempenham. Talvez, olhando para a história podemos também compreender como é a vida de um estudante que sai da escola de sua aldeia para estudar em outra instituição, alheia ao seu modo de vida.

### **As Primeiras Escolas Indígenas**

As primeiras escolas que foram instaladas em aldeias indígenas foram muito prejudiciais às comunidades indígenas, devido a suas propostas pedagógicas não adequadas e ao total desconhecimento de uma realidade diferente, como o idioma e a cultura próprios. Agora, no tempo presente, os profissionais de educação indígena entenderam a política educacional, por isso a instituição escolar, específica, diferenciada, comunitária e intercultural não está mais prejudicando as pessoas pertencentes àquela comunidade indígena.

As práticas culturais da tradição não cabem na escola, mas sim para registrar a oralidade do povo kanhgág. Porém, a escola indígena tem que ser construída como a própria cara do povo a que se destina. A pedagogia também tem que ser introduzida para dentro da proposta pedagógica indígena, onde é necessário ressaltar uma filosofia própria e desenvolver o bilinguismo. Os profissionais que atuam numa escola indígena têm que, no mínimo, ter a formação bilíngue e a formação continuada voltada para os interesses da comunidade indígena. A escola, por ser pública, pertence a todo. Os pais, com o bom estudo dos seus filhos, poderão ter valor como um bom leitor e conseguir um trabalho para seu próprio bem. Se por acaso os alunos não estão se alfabetizando em tempo curto então tem que haver uma pesquisa da grafia Kanhgág e descobrir o que está havendo.

A escola que foi instalada em terra indígena trabalha com uma educação escolar diferenciada, ensina a ler e escrever e a intelectualidade. Porém é importante reafirmar que a educação indígena é milenar e existe muito antes das escolas. É uma educação social que é feita pelas lideranças, pajés e famílias, com o objetivo de humanizar, como foi dito anteriormente.

O espaço de ensino é ao redor do fogo, em cima de folhas. Antigamente, quem contava e fazia a transmissão de conhecimentos era a pessoa mais velha da comunidade, geralmente à noite. O significado de ensinar e aprender ao redor do



fogo, é o calor desse fogo sobre a memória, para ensinar a guardar o que está sendo dito. Essa é uma das formas de pedagogia indígena.

### **Um exemplo da Pedagogia indígena**

Na época da colonização do Brasil, os jesuítas alfabetizavam os jovens e adultos indígenas, mas eles não aprendiam, pois não era falada a sua língua. Era outra proposta pedagógica, por isso os jesuítas achavam que eles não pensavam, não se desenvolviam, não tinham espírito, eram selvagens. Por isso o papa mandou mata-los, para salvar seus espíritos.

O objetivo de levar as escolas para as terras indígenas foi por pensar que os índios não tinham capacidade de aprender, com pensamentos diferentes que contradiz o pensamento dos povos indígenas. Hoje é desenvolvido um trabalho intercultural, mas ainda está muito forte a cultura não índia. Para reforçar a identidade indígena devemos introduzir mais a cultura kanhgág e, principalmente ter um profissional preparado para desenvolver o bilinguismo.

Nas terras indígenas, povos indígenas, escolas indígenas a alfabetização tem que partir da língua kanhgág, porque existem uns povos usuários de outra língua que proibiram e tentaram matar as línguas indígenas. Estamos ensinando a língua portuguesa nas escolas indígenas por obrigação, mas com muito cuidado no trabalhar uma prática educacional kanhgág.

Dependendo de disciplina, Kamẽ com Kanhuru são jambré, não podem se disciplinarem. Kanhuru com kanhuru ou kamẽ com kamẽ são rêg're podem se disciplinarem. Por isso na escola indígena o professor kamẽ tem que ter uma turma de alunos kamẽ e o professor kanhuru também tem que ter uma turma de alunos kanhuru.



Imagem 3

Crianças representando as metades clânicas: kamẽ e Kanhru

A coordenação motora das crianças indígenas é lavar as mãos de manhã com teia de aranha estendido pelas árvores. Colocar as mãos no ninho de formiga por um bom tempo. Todas as vidas no planeta aprendem entre si os índios tem seus aprendizados com os rios, a terra, as árvores e os animais. Em algum momento o rio passa a ser remédio e também tem o seu descanso, a partir de meia noite até as quatro horas da manhã. Nesse tempo, diminui o barulho do rio e então, das quatro até às seis o rio é remédio. No tempo que o rio está descansando ou dormindo devemos conversar para beber.

Através da linguagem dos pássaros e outros animais selvagens, as pessoas indígenas sabem todas as mensagens transmitidos por eles. Os cantos, as danças é coisa dos animais. A lua e o sol eram adorados por causa do poder deles. As árvores para os kanhgág são irmãos eles são úteis para alimentação e remédios. Tem um aprendizado no planeta que tem um peso fixo. Nós humanos somos a natureza. Somos compostos de terra, atmosfera e água. Se a terra está doente, o rio, a atmosfera, nós também estamos.

### 3. PRATICAS COLONIZADORAS DO ESTADO: O SPI - SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO ÍNDIO

Em 1910 Marechal Candido Rondon criou o SPI – Serviço de Proteção ao Índio. Mas não foi uma proteção, porque os índios continuaram morrendo. Trabalhavam na construção de estradas usando pá e picareta, participavam das guerras que aconteciam no Brasil, protegiam as lideranças não indígenas. As lideranças brancas queriam pagar pelo seu trabalho, mas os indígenas deixavam como garantia de suas terras e de seus direitos, mas mesmo assim perderam muito de suas terras e de seus bens.

Após a Guerra de 1932 o governo criou uma política de desenvolvimento da agricultura, onde as terras que não estavam produzindo conforme o entendimento do governo, viravam lavouras para produzir alimentos a fim de alimentar os sobreviventes da guerra. Entres alimentos destacavam-se feijão, milho, trigo, abóbora, entre outros.

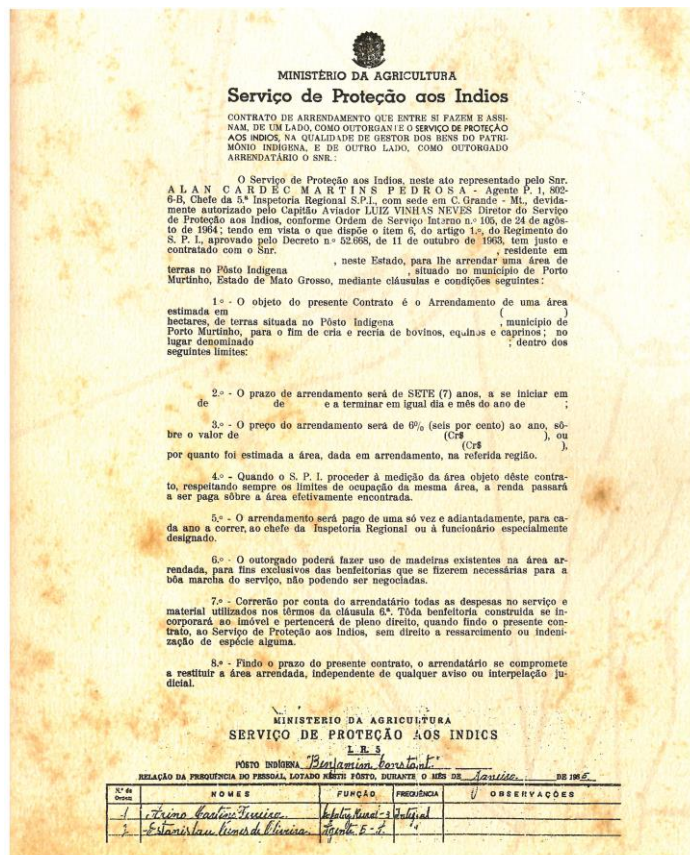


Imagem 4

Documento de arrendamento de Terras Indígenas - SPI

Fonte: Memória do SPI (FREIRE, 2011)

No período de 1935 foi criado um regime de trabalho que ficou conhecido como panelão, onde a maioria dos índios das terras indígenas comia todos juntos, nos mesmos panelões, alimentos às vezes nem tão bem preparados. O trabalho revertia em lucro para os chefes do SPI e coronéis indígenas. Esses eram quem destinavam às produções os demais trabalhadores das comunidades indígenas que não eram informados dos destinos das produções.

Informações dos territórios sul: nessas lavouras coletivas trabalhavam crianças que frequentavam as aulas escolares até aprenderem a escrever o nome. A partir disso frequentavam somente as lavouras e quem ficava fora disso eram os filhos de lideranças que não precisavam ir para a lavoura. Por exemplo, os velhos, as crianças que ficavam em casa ganhavam 3 quilos de cada produto para servir de alimento e durar oito dias. Depois recebiam novamente.



Imagem 5

Indígenas arando a terá – Cacique Doble, RS, 1944

Fonte: Memória do SPI (FREIRE, 2011)

Quem falasse da comida mal feita ou fugisse da lavoura era capturado e apanhava com um pedaço de borracha, colocado na cadeia ou amarrado em um pau. Também era comum jogarem água sobre essas pessoas que apanhavam ou eram presas. Eu vivenciei um amigo morrer naquela época, depois do café mandaram juntar lenha lá no mato para fazer a comida, onde estava cortando lenha, no mês de agosto ventoso. Tinha um galho enganchado em um pau que fora

derrubado em dias anteriores. O guri estava cortando a lenha debaixo desse pau enganchado, quando soprou um vento mais forte o galho desenroscou e caiu sobre ele, abrindo o corpo no meio. O guri morreu instantaneamente. Velaram e sepultaram o corpo. Parece que aquilo era normal na época, ninguém era culpado, mas hoje eu sei quem eram os culpados. O guri que faleceu tinha uns 12 anos e eu na época 6 anos, quando perdi meu melhor amigo de infância.

Nessa época do dito panelão, meus pais fugiram para trabalhar como agregados dos colonos não indígenas e isso prejudicou a minha vida e a minha educação escolar, por isso cheguei na universidade para fazer a faculdade com 44 anos.



Mulher Kaingang na colheita do trigo. P.I. Ligeiro, RS, 1952.  
Foto: Arquivo Museu do Índio.



Homem Kaingang carregando trigo. P.I. Guarita, RS, 1952.  
Foto: Arquivo Museu do Índio.

Imagens 6 e 7

Fonte: Memória do SPI (FREIRE, 2011)

Em aldeias diferentes os agentes do SPI também agiam diferente, pois em algumas terás indígenas montam serrarias para roubarem madeira, se aproveitavam das moças, pois as mais bonitas eram empregadas deles. Na aldeia dos Xocklen eles prendiam as moças dentro de uma casa com janelas altas. Os rapazes da comunidade iam roubar as moças pelas janelas: jogavam cordas, muito escondidos dos agentes. Hoje o velho Vetcha, que me contou essa história, tem lembranças de muitas coisas e faz seu depoimento dizendo que relatou as barbaridades em quatro aldeias: Terra Indígena Ligeiro, Terra Indígena Cacique Doble, RS; Terra Indígena Guarapuava e Terra Indígena Ibirama, SC.

Todas as barbaridades ele denunciou com muito risco, mas com muita coragem. Na Terra Indígena Votouro, onde nasci, Juvêncio de Paula fez a denúncia

do roubo de madeira no rádio e na televisão, conforme a pesquisa de Maria Inês de Freitas (2010). Os estudantes indígenas nunca tiveram o incentivo para continuar os estudos. O Kujá que fazia a transmissão dos conhecimentos era crucificado até a morte.

Conforme as informações do velho Vetcha, o SPI ficou comandado os índios durante 67 anos. No governo do presidente João Goulart, no conturbado período às vésperas do golpe militar de 31 de março de 1964, que instauraria o regime ditatorial no país, naquele ano, o SPI vivia um ataque feroz por conta de inúmeras denúncias de graves omissões e indícios da participação de seus funcionários em massacres de indígenas. Enquanto etnólogos, na sessão de estudo dos SPI, tentavam defendê-lo de um projeto de lei que propunha sua extinção, assim como o loteamento das terras Indígenas por um tortuoso critério de “família indígena”.

Extinto o SPI, outro órgão foi criado em 1967, que passou a se chamar FUNAI – Fundação Nacional do Índio. A educação escolar e as escolas do território nacional passaram ao comando dessa instituição. Mas continuou com a mesma política do passado, onde só podiam frequentar as escolas os filhos dos agentes nacionais. Nesse tempo, todas as escolas eram mantidas pela FUNAI, eram federais, com propostas pedagógicas para matar a língua e a cultura dos povos indígenas. Os estudantes indígenas continuaram sem nenhum apoio.

Como este fato repercutiu nas comunidades kanhgág? Parto do princípio que esse fato foi prejudicial às comunidades, pois a proposta pedagógica apresentada era de uma realidade diferente, com idiomas e culturas diferenciadas. Não houve respeito ou uma perspectiva de troca entre dois idiomas que se encontraram. Repercutiu mais como um choque cultural e uma tentativa de aculturação, onde os “brancos” acabaram predominando, impondo a sua cultura e seu idioma.

É importante ressaltar que o SPI, tendo iniciado seu trabalho em 1910, permitiu a continuidade do trabalho de muitos grupos missionários juntos aos povos indígenas. A ideia dessas instituições era civilizar o índio, mas os indígenas são civilizados na sua organização social e nos conhecimentos e saberes do seu povo, principalmente através da natureza.

## As línguas indígenas na América

Apesar de todas as tentativas de destruição ainda há riqueza de línguas na América. Só no Brasil havia mais de 1200 idiomas na época da invasão europeia e hoje são pouco mais de 180. Transcrevo, para o idioma kaingang, algumas ideias de Aryon Dall'Igna Rodrigues. Estudando as línguas indígenas, o estudioso fala das perdas.

### A perda da diversidade

#### Nén ũ e há tŷvĩ kregkren kŷ ěn tŷ nŷtĩ

“Prŷs tŷ 1988 kã ěmã tŷ Brasil ki, Kanhgág kan as tos fág tŷ pã'i ag mré rara kreg já nĩn nĩ. Ag tŷ Kanhgág to věnhrá hag jê, ěn tŷ nén ũ kar, nén ũ hag fã ěn hyhyg mŷ jé ěmêka. Ūri tŷ ěn jy rã tĩ venhrá hár ěg ti.

Kanhgág vĩ tŷ ũ nŷti tŷ e tŷvĩ já nŷtĩ ěmã tŷ Brasil ki, prŷs tŷ 1500 kã.

Ěmã tŷ kuvar há fog kãmŷ, goj más Kate kãmŷ ag.

Ěn jamã tŷ Brasil ki jugsun ka ag tŷ Kanhgág kěntég mŷ ag tŷ nén ũ há to.

Kŷ as tŷ ěn r'g re tŷ vi ũ as tŷ tũ ke já nĩ. Prŷs ěg kŷ tŷ Kanhgág ag vi ũ nĩ tŷ 1200 ke já ni f'g ag Kanhgág kěntég mág kar ěn ũ nŷti tŷ 180 ke nĩ ser ũri.

Ūri fog ag ěmã kar mĩ věnh vi ũ nŷtŷ ke ty nŷtŷ ag tŷ to rágrán já nĩ. Kŷ ag tóg pã'i ag tŷ prŷg ty 1988 kã Kanhgág to věnhrá hag já tũ ra Kanhgág Pĩ ti vi to mŷnh ma vě, ke ag tos mŷ.

Kŷ fog ag tos rágkŷ tová já nĩ, ajas vĩ tŷ vãmég, ti tŷ vãmés mŷ nĩ keg jê ke ag tóg mŷ.”

#### 4. PRÁTICAS ESCOLARES PROTAGONISTAS: KANHGANGUIZANDO A ESCOLA

Relembrando a minha prática docente de estágio, que ocorreu no 7º semestre do curso, na Escola Estadual indígena Vogá, na modalidade EJA, descrevo a seguir como se desenvolveu a mesma dentro da pedagogia indígena.

Contexto: 14 alunos no início das aulas, que tiveram seu início no segundo semestre de 2013. As aulas começaram em agosto, mas o estágio começou na primeira semana de setembro e se estenderam até o final do ano letivo, ou seja, até o início de dezembro.

O grupo era formado por cinco mulheres e nove homens, com idades variadas, de 16 até 48 anos. Nesta turma, todos já sabiam ler e escrever o português, pois já haviam passado por um processo de escolarização anteriormente. Estavam retornando agora com uma especial oportunidade de aprimorar os seus estudos e melhorar as suas condições de trabalho. Mas agora com uma distinção: dentro da escola indígena, esses alunos terão a alfabetização dentro do seu idioma.



Imagem 9

Sala de aula Escola Estadual indígena Vogá



## **Projeto pedagógico**

Partindo do princípio que os alunos já eram alfabetizados no português, o projeto desenvolvido por mim contemplava a oralidade na língua originária. Partindo sempre dos relatos que cada um trazia, dos seus cotidianos, construí o plano de estudo a ser abordado com esta turma.

Os próprios alunos ajudaram a construir o plano de estudos. Temáticas que eram comuns dentro da filosofia indígena foram por mim abordadas, tais como:

- Organização social Kanhgág – as metades clânicas
- Significado e valores dos nomes próprios Kanhgág
- A origem do mundo na perspectiva Kanhgág
- Tempo e horários
- Saúde, vida e corpo.

O objetivo principal foi resgatar a escrita kanhgág, pois os alunos sabiam escrever no português, mas a grande maioria não sabia mais escrever dentro do seu próprio idioma. Eram muito bons na oralidade da língua, mas não no registro escrito. Por este motivo, posso afirmar que desenvolvi, durante este período de estágio, uma pedagogia bilíngue, que atendia a dois idiomas específicos: Português e Kanhgág.

Para a montagem deste projeto, busquei referencial teórico em Hernández, onde o autor fala que “em um projeto de trabalho os próprios educandos começam a participar do processo de criação, procurando respostas e buscando soluções. “ (HERNÁNDEZ, 2010, pág. 3). Nesse sentido exerci uma pedagogia intercultural, pois os conteúdos ministrados diziam respeito aos modos de vida e à filosofia Kanhgág.

É importante lembrar que estes relatos que tanto eram falados de forma oral, precisavam ser registrados de forma escrita, pois, como diz Paulo Freire “através da decodificação da palavra, o alfabetizando vai-se descobrindo como homem, sujeito do todo o processo histórico.” (1967, pág.32).

## **Desenvolvimento das aulas**

Na primeira parte da aula, eu trazia o tema que seria abordado com os alunos naquele dia. Em seguida, os alunos se reuniam e trocavam ideias sobre o tema

apresentado. No quadro, era feito o registro do que cada aluno sabia sobre o tema, as inferências de cada um.

O tema apresentado era então trabalhado por mim. Utilizei histórias orais contadas pelos antigos pajés e os mais velhos, para entender estas temáticas dentro da visão indígena. Em geral, na última parte da aula, os alunos faziam o registro escrito do que haviam aprendido no caderno.

Também estabelecemos um quadro de avaliação das aprendizagens. Nele os alunos faziam o registro das aprendizagens de todos os dias da semana, destacando alguns aspectos: o que chamou a atenção; o que ficou em dúvida; o que gostaria de saber mais sobre o tema.

Este quadro foi um importante balizador do meu trabalho. A partir dele o meu planejamento se desdobrava para a próxima semana. Lembrando que sempre que os alunos registravam que tinham dúvida sobre o tema, incentivava os mesmos a pesquisar, que fossem procurar as respostas, fazendo muitas vezes entrevistas com os mais velhos da comunidade para entenderem melhor a temática que estava sendo por nós trabalhada em sala de aula.

Esse método de pesquisa também era utilizado por mim, lembrando que muito pouco material escrito sobre os Kanhgág está disponível como material didático a ser utilizado tanto por parte dos professores como dos alunos. É necessário sempre a pesquisa e busca constante de informações dos mais velhos, para conseguir trabalhar dentro desta visão indígena.

## **Bilinguismo**

Em um dia da semana, em geral nas quintas feiras, os alunos tinham destinado a fazer a transposição didática dos aprendizados mais importantes, transpondo as palavras do português para o Kanhgág. Lembrando que para este tipo de atividade se desenvolver, tive que apresentar novamente o alfabeto Kanhgág.

## **Vogais**

Í Ĩ Ỹ ÃA ẼE Ũ Õ

### Vogais Nasais

Ĩ Ŷ Ã Ē Ū

### Consoantes

K [ka] M [má] N [ná] P [pá] V [vá] T [tá] F [fá] G [ga] J [já] H há] R [ra] S [Sá]  
NH [nhá] áá

### Alfabeto Kaingang

K I M Ĩ N Y P Ŷ A T Ã F Á G E J Ē H É H U R Ū S O NH Ó áá

Algumas transposições feitas pelos alunos estão colocadas em quadros, como exemplos:

<i>Kafej= flor</i>	
<i>Kaféñh= folha</i>	<i>Exemplos de palavras significativas, trabalhadas</i>
<i>Kysã= lua</i>	<i>de forma isolada, sem frases ou textos.</i>
<i>Kaká= rosto</i>	

Fonte: Diário da classe- aula do dia 20/10/2013

Na primeira parte, os alunos não lembraram de utilizar as vogais. Quando iam fazer o registro escrito, na transposição só apareciam as consoantes.

Tive que trabalhar várias vezes palavras, utilizando as vogais como destaque, para que as mesmas fossem memorizadas, para depois aparecerem nas produções como aprendizagem.

Num segundo exemplo, mostro como as dificuldades ficam mais acentuadas com as frases, pois além das vogais, também acontecem dificuldades com as consoantes.

*Goj tý nén ú kar mý há... ( ESCRITA DO ALUNO)*

*A água é muito importante para as vidas.*

*Goj tý nén ú kar mý há ní... ( ESCRITA CORRETA)*

Fonte: Diário da classe- aula do dia 20/10/2013

Os alunos tentaram fazer a tradução das frases para o português, mas agora que além de faltar as vogais, faltam também as consoantes. Alguns começaram a perceber que no Kanhgág utilizava-se um menor número de letras, pois dentro desse idioma a palavra maior possui somente três sílabas. Algumas traduções, para fazerem sentido dentro do português, precisam ser traduzidas dessa forma: primeiro o substantivo para depois o adjetivo.

Uma das regras do idioma kanhgág é escrever sempre o adjetivo primeiro para depois o substantivo. Quando os alunos perceberam de forma prática esta regra, as transposições ficaram mais acessíveis e alguns apresentaram melhora nos trabalhos apresentados.

*Ti si kã nén ú hén ríkenh fá ég ta kanhgán há týuí ní én tý nén ú kar ki  
jykrég hag ta ti.....*

*As lendas e os mitos são importantes para a cultura indígena.*

*Fazem lembrar o passado e contam histórias.*

Fonte: Diário de classe- aula do dia 18/11/2013

A construção de textos por parte dos alunos era com muita dificuldade, com troca de letras, erros de acentuação. Na leitura, a mesma apresentava-se de forma silábica, onde não conseguiam ler a palavra inteira, sem primeiro fazer a decodificação sílaba por sílaba.

Dessa forma, os pensamentos do povo kanhgág, suas histórias, suas ideias sobre temas do cotidiano que acabaram sendo abordados por mim em sala de aula, de uma forma bilíngue, pois dois idiomas acabaram sendo cruzados: o português e a Kanhgág.

Este bilinguismo, que é tão difícil de ser encontrado e trabalhado em sala de aula, exige muito preparo de nós enquanto docentes indígenas. A construção de um material didático adequado (que seja escrito e oral também, como por exemplo, músicas, danças, cantigas...), que possa ser trabalhado no contexto escolar.

Uma das coisas mais difíceis para mim enquanto docente, é que muitas vezes, ao tentar me expressar no português, não encontro as palavras similares ao que deveria ser transmitido. É necessário a construção de um dicionário de sinônimos, para tentar diminuir a distância entre as duas línguas, português e kanhgág, pois a função maior no domínio de um idioma é aproximar e nunca afastar.

Porém, esses problemas são colocados para nós nos dias de hoje. Antigamente a escola era imposta, com práticas pedagógicas que não levavam em conta nem a língua, nem a cultura própria de cada povo.

### **Avaliação**

Primeiramente os alunos tinham todos que saber sobre o mundo kanhgág para depois introduzir os conhecimentos escolares do mundo não indígena. A ideia é que todos os alunos possam construir uma teia de conhecimentos, enredando os saberes dos dois mundos. A proposta pedagógica dessas práticas deve estar acompanhando esses processos. Por exemplo, organizar assim disciplinas: Matemática kanhgág e depois fazer a continuidade no Português. O mesmo com Ciências e História. E o Português sempre depois do kanhgág.

A avaliação precisa ser por ciclos de conhecimentos para considerar o tempo de aprendizado para concluir o ensino fundamental e chegar ao ensino médio.

### **Algumas ponderações a respeito da Inclusão**

Nas escolas das Terras Indígenas, comunidades e professores tem que dar toda a atenção e acolherem para a educação oral e escolar o público alvo da educação especial<sup>1</sup>. Mas vejo que temos que aprender com eles, para depois ensiná-los. Vejo que eles ficam muito isolados da comunidade e das escolas indígenas. Há tempos discutimos a educação indígena diferenciada no Rio Grande

---

<sup>1</sup> O público alvo da educação especial é composto por uma tríade: surdos, cegos e os que têm deficiência mental. Dentro destas categorias estão as outras especificidades dos alunos com necessidades educativas especiais.

do Sul, porém nunca incluímos esse público em nossas escolas. Precisamos formar profissionais indígenas para atender essas pessoas e instalar laboratórios de atendimento. Antigamente eram as APAES que atendiam essas pessoas, porém, hoje já existe uma lei que cria essa obrigação para todas as escolas.

## **CONCLUSÕES: O QUE SE QUER SABER....**

Ao final, quero levar aos leitores uma reflexão de como se faz importante em nossas práticas de sala de aula, respeitar e valorizar as diferenças de cada povo, sua cultura, seu idioma e como podemos utilizar o que o aluno já sabe, partindo sempre deste ponto, para gerar novos conhecimentos.

Como a oralidade é importante e deve ser respeitada e aproveitada em todos os momentos de aprendizagem. Pretendo demonstrar de forma prática, como nosso povo valoriza este conhecimento oral, que é milenar e faz parte da nossa cultura, concluindo o meu trabalho, através da oralidade, onde irei gravar um CD contando principalmente o que significa aprender com todas as formas de vida do planeta.

## REFERÊNCIAS

### 1) da tradição oral kanhgág:

Pessoas mais velhas -Ti Si Ag e Pajés – Kujá.

### 2) da tradição escrita:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998. Coleção Leitura.

FREITAS, Maria Inês. Educação de Jovens e Adultos: subsídios para a construção de curso de técnicas agrícolas kaingang. In. BERGAMASCHI, Maria Aparecida; VENZON, Rodrigo Allegretti (orgs). **Pensando a Educação Kaingang**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2010.

HERNANDÉZ, Fernando. **Gestão educacional**. Revista Brasil Escola, 2010.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

RODRIGUES, Ayrton Dall'Igna. **Sobre Línguas Indígenas e sua pesquisa no Brasil**. Revista Ciência e Cultura, vol. 57, no. 2. São Paulo. Abril/Junho, 2005.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. **Gêneros Textuais em Pesquisas sobre Alfabetização e Letramento**. Agosto de 2009. Caxias do Sul, RS, Brasil.



## **ANEXOS**

Atividades didáticas criadas pelo autor por ocasião do estágio. São contribuições para a construção da Escola Indígena Específica e Diferenciada.

**Pedagogia diferenciada**

**Trabalhando os temas dentro da perspectiva indígena- estabelecendo relações**

**Livro proposto para os alunos da Eja**

<p>CAPA DO LIVRO</p> <p>Livro: POVO Kaingang</p> <p>Nome do aluno:.....</p>
---

 <p>As casas de antigamente</p>	<p>As casas de hoje</p> 
<p>A alimentação dos kaingangs</p> 	<p>A base da alimentação era o milho, de onde se faz uma bebida chamada Kiki, uma espécie de milho fermentado, misturado com água e mel. Esta bebida é servida nas festas e rituais indígenas.</p>
 <p>Os remédios</p>	<p>As ervas são remédios indispensáveis utilizados para se restabelecer a saúde.</p> <p>Camomila, boldo entre outros.</p>

Como era assada a carne



Essa técnica é chamada de moqueim. Para realizar o processo é necessário um jirau, espécie de grade de varas verdes apoiada em esteios e forquilha nas extremidades. No moqueim, o calor deve ser moderado, por isso as brasas são feitas com galhos secos e gravetos para que os alimentos sejam assados sem queimar. Folhas de bananeira podem ser usadas para acondicionar a carne a ser preparada.

A canjica



Prato da alimentação indígena

O bolo de cinza



O pinhão



Pinhão preparado na brasa

As roupas de hoje



Roupas de agora



Este livro foi proposto por mim na décima segunda semana de estágio, visando relembrar práticas importantes dentro da cultura indígena, estabelecendo relações com o que podemos observar na comunidade hoje. O que mudou? O que ainda está incorporado dentro deste espaço? Os alunos precisavam estabelecer as relações, pesquisar e completar a atividade proposta.

Foi entregue como trabalho final no dia 05/12. Por este trabalho pude avaliar como um planejamento respeitando as diferenças e peculiaridades deste espaço foi de extrema importância, partindo sempre da oralidade, daquilo que os alunos já sabiam.

Percebi que para se trabalhar algumas temáticas, se faz necessário um planejamento sistemático e o acompanhamento do professor para que o mesmo se realize e obtenha os resultados esperados, pois segundo Hernández (2010):

“Todo projeto precisa estar relacionado aos objetivos e conteúdos para não perder o sentido do que se quer alcançar. É necessário estabelecer limites e metas para a culminância do trabalho. Os projetos de trabalho aproximam a escola do aluno e se associam muito à pesquisa sobre o interesse do educando, à curiosidade e investigação dos fatos atuais.”

Os trabalhos que foram feitos esta semana mostraram como foi de extrema importância o planejamento ter sido direcionado desde o princípio para a escrita, a produção textual, partindo sempre dos conhecimentos já incorporados pelos alunos. As experiências de vida foram sempre aproveitadas por mim e isto acabou enriquecendo a aquisição e assimilação dos conhecimentos de muitos alunos envolvidos neste contexto.

## Trabalhando os números a partir do contexto

Entreguei umas cartelas onde os alunos deveriam completar com os números que fazem parte do seu cotidiano.

### MINHA VIDA EM NÚMEROS

a) Meu nome completo	( nome e sobrenome)
b)O número de letras utilizado foi?	-----
c)Eu nasci no dia-----no mês----- no ano de-----	REESCRITA DOS NÚMEROS UTILIZADOS:  -----
d) Hoje eu tenho ----- anos.	-----
e) No ano de 2022 eu terei ----- anos.	-----
f) O número do meu sapato é ----- --.	-----
g) Eu tenho ----- irmãos.	-----
h) Em minha casa moram ----- pessoas.	-----
i) O número de minha casa é ----- -.	-----
j) eu me levanto às ----- horas.	-----

l) O número do meu telefone é ----- -	-----
m) Minha altura é -----	-----
n) O número do meu documento de identidade é -----	-----
o) O número do meu CPF é -----	-----
p) O número de filhos que tenho é -----	-----

Nesta atividade, percebi como a contextualização é importante, principalmente dentro do contexto indígena, pois os alunos conseguiram estabelecer relações, completando as atividades com êxito.

Levei os alunos a perceberem que estamos inseridos num sistema que está rodeado pelos números, que eles fazem parte do nosso cotidiano e ao final, propus que fizessem um cartaz, para sistematização da atividade, demonstrando onde mais poderiam observar os números no dia a dia.





Após fiz a apresentação dos números em kaingang:

OS NÚMEROS	EM PORTUGUÊS	EM KAINGANG
0	ZERO	TÚ
1	UM	PIR
2	DOIS	RÉG'RE
3	TRÊS	TÉNTÚ
4	QUATRO	VÉNHKÉKRA
5	CINCO	PÉG'KAR

Dessa forma, os números foram contextualizados e os alunos assimilaram o conteúdo de forma prática. Ressaltei a importância de utilizar o que os alunos trazem de suas experiências de vida, fazendo destas práticas formas de conhecimento e aprendizagem.

Devo sempre ressaltar que a “ variedade das práticas de alfabetismo possíveis e suas relações com outras peculiaridades culturais são construídas na pluralidade da cultura e, nessa medida, devem ser compreendidas e valorizadas. “ ( Kleimam, 1995, PÁG. 245).

**Referência:**

KLEIMAM, Ângela. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de letras.1995.